

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HISTÓRIA

CUIUS CONSENSUI NE ORBIS QUIDEM TERRARUM POSSIT OBSISTERE: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA BÁRBARO GAULESA NO DE BELLO GALLICO DE JÚLIO CÉSAR

¹ Giovane Vasconcellos Cella (IC-UNIRIO); ¹ Juliana Bastos Marques (orientadora).

1- Departamento de História; Escola de História; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: PROPG UNIRIO.

Palavras-chave: Historiografia Antiga; Júlio César; De Bello Gallico.

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto o De Bello Gallico, os Comentários Sobre a Guerra Gálica, escritos por Caio Júlio César entre os anos de 58 e 50 a.C e que narram os eventos ocorridos na guerra empreendida por ele para o domínio da região que hoje compreende a maior parte da França, Bélgica e parte da Suíça. Especificamente, tratamos como César desenvolve sua etnografia dos gauleses, ou seja, como ele constrói e descreve uma imagem dos povos que habitavam a Gália, dentro de uma perspectiva que abrange tanto problemáticas textuais (inserção em uma tradição de escrita etnográfica) quanto políticas da época.

OBJETIVO

1. Identificar as características atribuídas por Júlio César às variadas tribos “bárbaras” da Gália, sua modificação ou não no decorrer da obra De Bello Gallico e os motivos para isso, na contribuição para uma imagem atribuída a essas como um grupo homogêneo e, portanto, para a Gália em si; 2. A partir das concepções de representação subjetiva do espaço físico que fundamentam o projeto de pesquisa ao qual se subordina este subprojeto, compreender como e com qual objetivo se constrói a etnografia dos bárbaros gauleses no De Bello Gallico; 3. Analisar a interpretação do De Bello Gallico como propaganda no contexto político da época, buscando compreender em que nível haveria no texto uma contraposição ou espelhamento na visão de mundo e imagem desejada da sociedade romana ou de parte desta. A par dos objetivos propriamente científicos, não se deve perder de vista os fins didático-formativos do presente projeto, que só pode ser entendido no contexto mais amplo da formação do pesquisador em História Antiga no país. Portanto, este projeto é inseparável de uma dimensão mais ampla de treinamento discente, envolvendo a leitura de bibliografia complementar e o aprendizado de línguas antigas e modernas.

METODOLOGIA

A metodologia de trabalho para esta pesquisa é a análise crítica da fonte, partindo das ferramentas da filologia clássica e incorporando as abordagens multidisciplinares adotadas nas últimas décadas para o estudo da historiografia antiga. De maneira concomitante, a leitura crítica da bibliografia relacionada pretende estabelecer relações entre as diferentes análises disponíveis sobre o tema, bem como situar o contexto político e literário de Júlio César, indispensável para a compreensão de seu texto.

RESULTADOS

Acreditamos que, dentro de sua criação, César explora uma caracterização do inimigo gaulês, tanto individualmente quanto quando agrupado em tribos ou sob uma imagem geral dos gauleses, como sendo, ao mesmo tempo, sendo bárbaro e detentor de virtus, um conceito romano que pode ser traduzido como meramente “masculinidade” (RIGGSBY, 2006: 83), mas tendo o aparente sentido corrente de “excelência demonstrada ao servir o estado, especialmente a coragem e a resistência de um soldado ideal.... A virtus de um soldado é, brevemente, tudo aquilo que leva ao sucesso na batalha, com a notável exceção da habilidade e sabedoria” (MOORE, 1989: 5-6 apud RIGGSBY, 2006: 83) e, mesmo quando não presente na descrição de facto da tribo, esse valor é atribuído de outras formas (ERICKSON, 2002). A proeminência tanto de um quanto de outro na descrição de César se dá, principal e resumidamente, através de uma articulação da tradição de escrita etnográfica (FORNARA, 1988: 12-16) que perpetua e da qual faz parte (remontando, em última instância, ao Ares, Águas e Lugares, atribuída ao grego Hipócrates, mas também com elementos ainda anteriores, como as épicas) com seus interesses e/ou necessidades políticas, como a justificativa para erros estratégicos e derrotas e o início de uma guerra com resultados incertos, mas para, principalmente engrandecer seus próprios atos e nome através da vitória de um valoroso oponente, um “inimigo ideal”. Essa tradição a qual pertence e a qual perpetua observa uma determinada lógica de atribuição de determinados valores em correspondência à localização geográfica dos povos. Compõe, portanto, a representação subjetiva dos espaços físicos papel intrínseco à formulação da etnografia de César de seus inimigos, no caso, o inimigo gaulês, representado de forma constante através da obra individualmente e em grupo (tanto tribos quanto uma imagem geral dos gauleses) através dos mesmos atributos ancorados na tradição e que conceituam o citado “ser bárbaro” do gaulês, mas com uma manipulação conforme os interesses e/ou necessidades de César, notavelmente o caso do também já citado conceito de virtus.

CONCLUSÃO

A etnografia gaulesa presente no Bello Gallico constitui, portanto, uma peculiar construção dentre a miríade de etnografias legadas a nós pelas chamadas sociedades clássicas; peculiar por se tratar, de certa forma, de uma ressignificação da tradição em “propaganda” (RAMBAUD, 1966: pp.12-13). Mesmo não compondo uma

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

representação direta de uma pretensa realidade observada, não é de todo uma ficção, pois “César não pode ter passado todo seu tempo na Gália com os olhos fechados” (RAWLINGS, 1988: 173). Logo, essa etnografia pode ser vista como um espelho da mentalidade de César (e, em muitos casos, mais ampla como romana também): a supervalorização da virtus e sua posição decisiva para o êxito militar; a sociedade e cultura, a humanitas, como representante de Roma e, ao mesmo tempo, alienadora da virtus; e, como assinalado acima, a articulação da tradição em proveito próprio. E é um dos frutos dessa mentalidade de César, os gauleses, que nesse caso, através dessa articulação entre tradição e interesse próprio, são especificamente dele, que se perpetuam e se ressignificam no imaginário ocidental, de reis a quadrinhos, até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

- CÉSAR, Júlio. Comentários sobre a Guerra Gálica, tradução de Francisco Sotero dos Reis. Rio de Janeiro: Ediouro.
- DENCH, Emma. *Romulus' asylum: Roman identities from the age of Alexander to the age of Hadrian*. Oxford University Press, 2005.
- ERICKSON, Brice. Falling masts, rising masters: The ethnography of virtue in Caesar's account of the Veneti. *American journal of philology*, v. 123, n. 4. 2002; pp. 601-622.
- FORNARA, Charles W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. University of California Press, 1988
- HIPÓCRATES. Ares, Águas e Lugares. In CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JUNIRIO, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; pp. 91-130.
- MOORE, T. Artistry and Ideology: Livy's Vocabulary of Virtue. *Athenäum Monnografien, Altertumswissenschaft* 192, Frankfurt: 1989; pp. 5-6 apud RIGGSBY, 2006: 83.
- RAMBAUD, Michel. *L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César*. Paris: Les Belles lettres, 1966.
- RAWLINGS, Louis. Caesar's portrayal of Gauls as warriors. In WELSH, K.; POWELL, A. *Julius Caesar as artful reporter. The war commentaries as political instruments*. London: Classical Press of Wales, 1998; pp. 171-92.
- RIGGSBY, Andrew M. *Caesar in Gaul and Rome: War in Words*. Austin: University of Texas Press, 2006.